

A História Oral e suas representações sociais: entrevista com o professor Gisafran Nazareno Mota Jucá

ARTIGO

Regiane Rodrigues Araújoⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Adalucami Menezes Pereira Gonçalvesⁱⁱ 

Faculdade Uninta Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil

Gisafran Nazareno Mota Jucáⁱⁱⁱ 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

1

Resumo

Este texto trata-se de um diálogo acerca das representações sociais e conceituais que compõem a História Oral. O objetivo foi aprofundar o debate em torno da História Oral, bem como das questões teórico-metodológicas circundantes a essa metodologia de pesquisa. Sendo assim, entrevistamos o Professor Doutor Gisafran Jucá e adotamos como método a entrevista associada à narrativa autobiográfica, a partir das contribuições de Clandinin e Connelly (2015). O estudo concluiu que a História Oral é uma metodologia de pesquisa transdisciplinar, inovadora, não exclusiva de historiadores, que nos ensina a dar voz e vez àqueles silenciados pela história oficial e pela elite dominante, tendo o cotidiano como um conceito fundamental na História Oral, pois é ele que transforma o ordinário em memória, em experiências extraordinárias e reveladoras.

Palavras-chave: História Oral. Memória. Cotidiano. Subjetividade.

Oral History and its social representations: interview with professor Gisafran Nazareno Mota Jucá

Abstract

This paper is about the results of a dialogue around social and conceptual representations that constitute Oral History. We aimed to broaden the debate around Oral History, as well as to deal with the theoretical and methodological aspects encompassed by this research methodology. Thus, we interviewed Dr. Gisafran Jucá, combining interview methods with autobiographical narratives, based on the contributions of Clandinin and Connelly (2015). This study concluded that Oral History is an ingenious transdisciplinary research methodology, not exclusive to historians, which teaches us to give voice to those overlooked by traditional history and the ruling class. Everyday life is a key element of Oral History: it turns the ordinary into singular memories and extraordinary experiences.

Keywords: Oral History. Memory. Everyday Life. Subjectivity.

1 Introdução

2

Nos últimos anos, é possível observar cada vez mais que a História Oral tem sido utilizada como metodologia de pesquisa nas ciências sociais, principalmente na educação. Notadamente, nesses casos, a oralidade está atrelada à narrativa, às entrevistas e às fontes ditas primárias. Diante disso, Fialho *et al.* (2020, p. 4) afirmam que “[...] a fonte oral é não apenas importante, mas necessária para compreensão historiográfica”. Com base nisso, observa-se, também, que a oralidade traz consigo diversas representações sociais e se entrelaça com a subjetividade dos sujeitos, com o cotidiano, o individual e, sobretudo, o coletivo. Nessa perspectiva, indagamos: o que de fato é História Oral?

Pesquisas em diversos campos do conhecimento têm abordado a História Oral, essencialmente ao tratarem de fatos não documentados, ou seja, aquilo que não está validado por documentos oficiais. Nesse sentido, “[...] há aspectos da vida das instituições e organizações que não estão documentados nos arquivos e que só podem ser aproveitados através de entrevistas” (Casellato, 2023, p. 162). Assim, evidencia-se o valor e o sentido da História Oral para a pesquisa científica. Segundo Ferreira e Amado (2006, p. 275), “[...] em história oral, utilizamos os mais simples e ingênuos métodos e teorias para fazer as perguntas mais significativas sobre as relações humanas e de classe no passado”, visto que a história está entrelaçada com a memória do passado no presente.

Sendo assim, o objetivo da entrevista com o Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá foi aprofundar o diálogo em torno da História Oral, bem como das questões teórico-metodológicas circundantes a esse método de pesquisa. Ademais, o citado professor é uma referência em História Oral no estado do Ceará; é pós-doutor em História Urbana, doutor em História Social, graduado e mestre em História e sócio efetivo do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. É importante ressaltar que, em suas pesquisas, a cidade de Fortaleza e o estado do Ceará estão sempre presentes; a cultura, a arquitetura e as pessoas formam a memória social do lugar, ambientando as narrativas e formando as subjetividades dos sujeitos.

Entre seus escritos, destaca-se o livro *A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana* (2003), cuja obra se propõe a entender o “velho” como alguém repleto de memórias individuais e coletivas, trazendo o cotidiano como espaço de construção social e a oralidade como meio pelo qual se revelam aspectos da vida, os quais não são ditos ou lidos em outros meios de comunicação. Outro livro de relevância historiográfica é o *Seminário da Prainha: indícios da memória individual e da memória coletiva* (2014), no qual o compilado de capítulos é rico em detalhes acerca da história social e cultural da cidade de Fortaleza, bem como da paisagem urbana, cuja estética é marcada pela arquitetura do Seminário da Prainha, fundado em 1864.

Dessa forma, a relevância social deste texto está na possibilidade de compreendermos o que de fato é História Oral, como e quando ela chegou ao Brasil; e entender qual é a relação desse método de pesquisa com a subjetividade e as práticas cotidianas mobilizadas pela memória social. Tudo isso é dialogado com o professor entrevistado à luz da historicidade, considerando que “[...] a história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação” (Thompson, 1992, p. 44). Portanto, a História Oral é um *continuum*, refazendo-se por meio de novos e diferentes atores sociais.

2 Metodologia

O método adotado foi a entrevista associada à narrativa autobiográfica, uma vez que as perguntas e as respostas vão ao encontro das experiências científico-acadêmicas do professor entrevistado. Assim, Clandinin e Connelly (2015, p. 165) afirmam o seguinte: “Pesquisadores narrativos são sempre fortemente autobiográficos. Nossos interesses de pesquisa provêm de nossas próprias histórias e dão forma ao nosso enredo de investigação narrativa”. Portanto, o nosso objeto de pesquisa – a História Oral – é parte fundante desse enredo narrativo, o qual foi se constituindo no transcorrer do diálogo. Por isso, “[...] a narrativa é simbólica e polivalente, pois deixa transparecer a observação individual, que nos revela as experiências da coletividade” (Jucá, 2014, p. 57).

Neste estudo, a entrevista está concatenada à narrativa autobiográfica, pois, enquanto método investigativo, permitiu-nos alargar a compreensão do fenômeno, possibilitando a discussão do tema com os teóricos dispostos neste texto. Sendo assim, Marques e Satriano (2017, p. 377) explicam: “A pesquisa narrativa oportuniza o encontro do individual e do coletivo, visto que o narrador traz a marca do singular em sua narrativa, ao mesmo tempo em que traz a marca da cultura, da história, do contexto”. Em vista disso, o levantamento bibliográfico também nos fez compreender alguns conceitos trabalhados no texto, essencialmente, no que diz respeito à História Oral.

Desse modo, foi elaborado um questionário contendo dez perguntas, todas relacionadas à metodologia supracitada e suas nuances. Apesar de as questões terem sido elaboradas de forma a especificar o conteúdo requerido na proposta de pesquisa, o entrevistado ficou à vontade para desenvolver o diálogo, bem como para narrar suas experiências com a oralidade.

Dessa forma, o professor participante do presente estudo também compôs a autoria do texto, pois entendemos que a sua contribuição não se limitou à função de sujeito, mas principalmente de autor, uma vez que os livros e demais textos do professor Gisafran Jucá serviram de base para pensarmos a História Oral e suas representações sociais. Para ele, “[...] além de tentar superar os estreitos limites de uma história oral, mais voltada à aplicação de técnicas dinâmicas, é preciso reconhecer e difundir a descoberta da oralidade” (Jucá, 2006, p. 134). Com base nisso, na seção seguinte, apresentamos os resultados desse diálogo com o Prof. Dr. Gisafran Jucá, os quais giram em torno da História Oral e suas representações sociais, destacando que as questões trazem em si a visão de um historiador social e pesquisador da temática em foco.

3 Resultados e Discussão

Nesta seção, evocamos questões centrais, as quais remetem ao título deste artigo, assim como nossas contribuições para a seara da pesquisa educacional com a

utilização da História Oral como método investigativo. Sendo assim, apresentamos a entrevista que nos foi concedida pelo Prof. Dr. Gisafran Jucá, no dia 8 de junho de 2024.

Vale ressaltar que o questionário contendo 10 perguntas foi enviado ao professor via *e-mail*, o qual foi respondido e devolvido no mesmo dia – também via *e-mail*. No tocante ao conteúdo do questionário, este foi previamente dialogado e elaborado em comum acordo entre as autoras da pesquisa, pois, no processo exploratório acerca do tema, percebemos que há poucos espaços de debate envolvendo a História Oral e suas representações sociais.

Ato seguido, expomos nossas considerações sobre os temas abordados por nosso entrevistado, promovendo um debate sobre algumas questões.

3.1 O que é História Oral?

Conforme a análise apresentada pelas Professoras Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, na introdução do livro *Usos e Abusos da História Oral* (Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998), a História Oral é definida por diferentes concepções que se projetam ainda hoje, mesmo com o reconhecimento obtido pelos pesquisadores que a ela recorrem em suas análises acadêmicas. A denominação “História Oral” ainda hoje é considerada ambígua, mesmo com o avanço do uso de novos métodos de pesquisa.

Quando ela foi criada, a partir dos anos 50 do século passado, nos meios acadêmicos, havia uma forte barreira contra o seu reconhecimento, uma vez que a expressão “fontes históricas” se restringia aos documentos escritos e, sobretudo, àqueles provenientes de instituições oficiais reconhecidas. Na verdade, ainda vigorava, em certos espaços acadêmicos, a limitada classificação, oriunda do legado positivista, segundo a qual as “verdades históricas” se concentravam nas lideranças políticas e sociais de uma elite social e, entre os mais radicais, permanecia viva a velha versão de que “os documentos falam por si”. O historiador seria mais um coletor de informação do que um agente questionador das informações divulgadas oficialmente.

Isso ocorreu principalmente a partir dos “pós-guerra”, quando o gravador passou a ser utilizado, uma forma difundida de coletar informações acerca não apenas de grandes eventos, mas com enfoque sobre o cotidiano em diferentes espaços sociais. O novo campo de estudo passou a ser divulgado pelos praticantes dessa metodologia, apesar das barreiras impostas pela elite acadêmica, quando ainda permanecia viva a opinião segundo a qual a história oral era uma simples técnica, negando a ela qualquer pretensão metodológica ou teórica. Outros a consideravam como uma disciplina autônoma, uma vez que constituía um corpo teórico próprio, distinto, capaz de gerar os próprios conceitos.

A terceira versão, com a qual comungamos, considera-a como uma opção metodológica, não restrita a historiadores, mas a diferentes campos do saber acadêmico. Trata-se de uma metodologia transdisciplinar, que permite o fortalecimento de um suporte teórico e metodológico.

3.2 Como e quando a História Oral chegou ao Brasil?

O ponto de partida da História Oral no Brasil foi registrado através do Centro de Pesquisas Documentais, o CEPEDOC, da Fundação Getúlio Vargas, quando se desenvolvia o projeto de pesquisa sobre a Revolução de 1930, que propiciou a coleta de entrevistas de participantes desse significativo evento político. Curioso foi que, a princípio, houve certa resistência no meio acadêmico do Sudeste, uma vez que os pesquisadores convidados a ministrar cursos sobre a nova opção metodológica eram americanos, o que desagradava ao crescente número de historiadores, defensores da teoria marxiana.

Com a continuidade das pesquisas, o reconhecimento da História Oral foi ganhando adeptos não apenas entre os historiadores, mas em outras áreas das ciências sociais. Foi introduzida nos anos 1970, mas, somente no início dos anos 1990, a expansão dessa metodologia se tornou mais significativa, sobretudo com os seminários e projetos desenvolvidos no campo das pós-graduações.

Em 1994, foi criada a Associação Brasileira de História Oral, a ABHO, que passou a publicar o seu Boletim, ou seja, um meio de divulgação dos programas e dos grupos de trabalhos existentes. Mesmo assim, ainda se observa que, para alguns, a História Oral consiste em gravar entrevistas e divulgar depoimentos, sem a devida exploração teórico-metodológica.

3.3 Qual é o lugar da História Oral nas metodologias de pesquisa?

Como já comentei, a História Oral é uma metodologia inovadora, não exclusiva dos profissionais da História, pois leva o pesquisador a romper com os limites estabelecidos na tradição acadêmica. Ela não é apenas interdisciplinar, com função complementar, mas o emprego do conceito de transdisciplinaridade nos revela um campo de pesquisas mais aberto, ultrapassando as tradicionais barreiras do conhecimento acadêmico.

3.4 Qual a relação da História Oral com a subjetividade?

Eu a considero fundamental. Aliás, não é só no campo da História Oral, mas o real valor de cada produção acadêmica a ser reconhecida se embasa na manifestação da subjetividade, que constitui um conceito básico aplicado por pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento acadêmico. Tal conceito nos remete à análise questionadora de Foucault, cuja preocupação geral foi a problemática do sujeito, ou seja, a abordagem histórica da questão da subjetividade. Para ele, o sujeito não é uma substância, mas uma forma peculiar de reconhecer e revelar a realidade e/ou temática observada.

Nessa perspectiva, quando recorremos à História Oral, não nos debruçamos sobre uma fonte muda, mas temos diante de nós uma fonte que fala e dialoga com o entrevistador, propicia a ampliação das questões levantadas e o depoente não se revela com um testemunho passivo.

3.5 Em que sentido a História Oral se aproxima da memória social?

A História Oral não se limita a uma simples análise individualizada, mas se associa a uma abrangência bem mais significativa, o “eu” não se dissocia de um “ele”, de um “nós” ou “eles”. Na minha opinião, sem menosprezar a consagrada definição de Maurice Halbwachs, segundo a qual a “memória individual” se envolve com a “memória coletiva”, esta estruturada em identidades de grupo, mas o conceito de Memória Social é bem mais representativo do mundo globalizado, dos dias atuais, em que não há um consenso contínuo nas análises e nas práticas cotidianas, mas um confronto contínuo de opiniões e modos de proceder – afinal o indivíduo não é um elemento passivo, sempre obediente a uma vontade coletiva.

Para uma melhor compreensão do significado desse conceito, recomendo a consulta a uma significativa produção acadêmica. Refiro-me ao livro *Memória Social*, de James Fentress e Chris Wickham, para os quais além de um sentido coletivo, a memória plural, ou seja, a memória social, pode ser conflituosa, divergente, como podemos observar no nosso cotidiano. Sem negar a manifestação do coletivo, o social é mais revelador das confluências e incongruências das subjetividades da época da globalização.

3.6 No livro *A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana* (2003, p. 43), lemos o seguinte trecho: “A História Oral procurava dar espaço aos excluídos da sociedade”. Por quê?

Uma grande revelação da História Oral é dar voz àqueles antes silenciados pelas condições e pelas práticas sociais impostas pelas elites dominantes, em diferentes espaços sociais. As tradicionais barreiras são rompidas através da oportunidade dada aos menos favorecidos de expor suas experiências. É o que os novos historiadores afirmam: “A história vista de baixo”. Para uma real polifonia urbana, os depoimentos dos velhos, sobretudo aqueles menos favorecidos, são valiosos e reveladores, pois mostram o outro lado da história além da história oficial.

3.7 Qual é a maior contribuição da *Oralidade dos Velhos* para o desenvolvimento da História Oral?

9 O meu intuito foi dar vez e voz aos velhos de origem social menos valorizada. A minha tese de Doutorado, *Verso e Reverso do Perfil Urbano do Recife e de Fortaleza: 1945-1969*, teve como fontes básicas os jornais das duas capitais e a documentação oficial, mas os depoimentos coletados nos permitiram uma melhor compreensão das condições sociais do período estudado, afinal os bairros menos favorecidos foram espaços sociais reveladores da realidade social da época. Se um jornal como *O Democrata*, do PCB, no Ceará, nos revela a precariedade da periferia social de Fortaleza, as entrevistas realizadas nos permitiram compreender melhor o real sentido social das experiências vividas e compartilhadas.

3.8 Como o individual se torna social?

O ou a depoente... por mais introspectivo ou introspectiva que seja... suas práticas cotidianas não se realizam de uma forma isolada; sempre há um outro e/ou outra nas relações sociais cotidianas. E a dinâmica social se projeta na troca de opiniões e experiências, nos contatos e nos conflitos travados ao longo das atividades desenvolvidas. Mesmo as maneiras de pensar e de agir de certas pessoas, que costumam viver um pouco isoladas das práticas cotidianas do seu meio social, não conseguem fugir a uma realidade social que as cerca, na temporalidade sempre compartilhada.

3.9 Qual é a importância do cotidiano para a História Oral?

O cotidiano é um conceito antes desvalorizado, mas que, nas últimas décadas, passou a ser reconhecido como revelador do outro lado da moeda, além daquele vivido e compartilhado pelos denominados “donos do poder”. À primeira vista, o cotidiano pode parecer banal, insignificante, mas a totalidade histórica é constituída pelo tempo,

que associa o ontem ao hoje, revelando as peculiaridades e as contradições dos diferentes espaços sociais, qualquer que seja o período elencado. No cotidiano, encontramos a essência da história vivenciada, manifesta nas condições sociais dos agentes históricos citados.

10 3.10 Qual é a função social da História Oral na sociedade contemporânea?

Repito o que já foi dito nas respostas anteriores: ela constitui uma metodologia transdisciplinar que nos permite mergulhar a fundo nos temas elencados, dando voz aos nem sempre reconhecidos como agentes históricos nos diferentes espaços sociais. Não apenas nas produções acadêmicas ela se torna reveladora, mas em qualquer pesquisa ou estudo que possibilite a manifestação de agentes antes não reconhecidos pelas instituições e pelas imposições sociais. É uma forma democrática de ampliar os horizontes dos temas a serem analisados, quando novos agentes sociais são reconhecidos e validados.

3.11 Nossas considerações sobre as ideias apresentadas pelo entrevistado

As reflexões suscitadas por ocasião da entrevista, bem como do arcabouço teórico por nós levantado, permitiu-nos compreender que a História Oral não pode ser vista somente como uma técnica ou método auxiliar de pesquisa, tampouco como sinônimo de entrevista e/ou narrativa, pois entendemos que ela é uma metodologia de pesquisa advinda da historiografia, mas não exclusiva de historiadores, uma vez que é permeada por conceitos diversos.

Porém, a História Oral é complexa demais para ser passível de definição única, como bem disse o professor entrevistado, “ainda hoje é considerada ambígua”, portanto deve ser interpretada a partir do contexto das relações sociais, cotidianas e culturais das quais ela emerge. Todavia, a problemática desta pesquisa buscou discutir o que de fato é

História Oral à luz dos conceitos e da entrevista concedida pelo citado professor participante do estudo.

Sendo assim, o Prof. Gisafran Jucá, ao ser indagado sobre o que é História Oral, explicou-nos que há pelo menos três versões, entre elas, há uma com a qual ele comunga, ou seja, a terceira, pois, nessa interpretação, a História Oral é descrita como metodologia e suporte teórico, não está restrita a historiadores, pertencendo a diversos campos do conhecimento.

Outro achado conceitual refere-se ao fato de o citado professor considerá-la uma metodologia transdisciplinar. Para Japiassu (2016, p. 3), “[...] o transdisciplinar diz respeito ao que está entre as disciplinas, através delas e além de cada uma”. Dessa forma, a História Oral rompe com a tradição disciplinar, visto não ser possível nomeá-la apenas como disciplina, muito menos encaixá-la em modelos positivistas ou técnico-científicos. Nesse sentido, esta pesquisa aponta que a História Oral é uma metodologia transdisciplinar, inovadora e não exclusiva da historiografia, apesar de pertencer a ela.

Faz-se necessário ressaltar que a introdução da História Oral no Brasil faz parte da nossa história recente. Como bem explicou o prof. Gisafran, ela chegou por volta da década de 70 do século passado, vindo a expandir-se no meio acadêmico somente no início da década de 90, por meio de atividades desenvolvidas no âmbito das pós-graduações, bem como mediante a Associação Brasileira de História Oral, a ABHO.

No entanto, o professor chama a atenção para o fato de que, para algumas pessoas, a História Oral se resume a gravar entrevistas e divulgá-las sem a devida preocupação em explorar de forma teórica e metodológica os depoimentos. Todavia, Alberti (2013, p. 30) contribui para esse debate ao afirmar que “[...] a entrevista de história oral permite também recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados”.

Assim, as pesquisas que se utilizam de fontes orais devem atentar-se à necessidade do estudo teórico acerca dos depoimentos, de maneira a situá-los em seus contextos sociais e culturais, visto que as falas dos depoentes trazem experiências

individuais e coletivas, requerendo, portanto, fundamentação teórica, para que o conteúdo possa ser analisado e validado como conhecimento científico.

Em síntese, na oralidade, a memória se faz presente a todo instante, de maneira que “[...] a História é alimentada pela Memória que, por sua vez, constitui uma fonte valiosa à reconstrução do passado” (Jucá, 2003, p. 36).

4 Considerações finais

Este estudo nos levou ao alcance do nosso objetivo, o qual intencionou aprofundar o diálogo em torno da História Oral e das questões teórico-metodológicas circundantes a esse método de pesquisa. Sendo assim, a partir da entrevista realizada com o professor e historiador Gisafran Jucá, bem como do estudo prévio acerca do contexto teórico-conceitual, foi possível alcançar o intuito proposto. Desse modo, apresentamos algumas constatações:

A História Oral está intimamente relacionada ao conceito de subjetividade. Não podemos falar em oralidade sem considerar os processos de subjetivação dos depoentes. Ou seja, o entrevistado reafirma, por meio da própria voz, o conceito de subjetividade, de tornar-se sujeito, negando, assim, o testemunho passivo.

A História Oral nos ensina a dar voz e vez àqueles silenciados pela história oficial e pela elite dominante, pois a burguesia habituou-se a contar as suas “verdades históricas”, invisibilizando os sujeitos menos favorecidos, na tentativa de negar a essas pessoas o direito à memória, à narrativa das suas práticas sociais e culturais, bem como a ocupação dos espaços públicos e privados.

Contudo, quando esses indivíduos rompem essas barreiras por meio da oralidade, do direito de contar as suas experiências de vida e trabalho, acontece o que o professor e demais historiadores denominam de “a história vista de baixo”. Nesse sentido, o Prof. Dr. Gisafan preza pelo depoimento dos velhos e menos favorecidos. Para ele, essas falas são valiosas, sobretudo, reveladoras, pois apresentam o que ele chamou de “o outro lado da história além da história oficial”.

Em História Oral, o individual e o social estão em constante simbiose. Isso se deve às experiências construídas no interior das práticas cotidianas, as quais não ocorrem de forma isolada, mas na interação que parte do particular para o universal, do micro para o macro, do individual para o social e vice-versa. Dessa forma, o nosso entrevistado nos explicou que as pessoas “não conseguem fugir a uma realidade social que as cerca”. Por esse motivo, compreendemos que o individual se torna social no curso das experiências vivenciadas no cotidiano.

O cotidiano é um conceito fundamental na História Oral, pois é ele que transforma o ordinário, o banal, o corriqueiro em memória, em experiências extraordinárias reveladoras do ser que habita o espaço-tempo na história. Contudo, por muito tempo, o citado conceito foi desvalorizado pelos próprios pesquisadores, tido como algo trivial, sem valor aparente. Porém, no livro *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*, Michel de Certeau apresenta o valor social e cultural do cotidiano, demonstrando ser por meio da vida ordinária dos indivíduos que são reveladas as pluralidades sociais (Certeau, 2012).

Sendo assim, a nossa contribuição para as pesquisas futuras advém do entendimento de que ainda há muito a ser dito sobre a História Oral, bem como acerca da necessidade de explorar o tripé conceitual: cotidiano, cultura e memória, pois esse tripé nos ajuda a conhecer o sentido subjetivo da História Oral, o qual requer um estudo mais aprofundado. Dessa maneira, esperamos que este artigo seja o ponto de partida para pesquisas futuras.

Por fim, concluímos que uma das principais funções sociais da História Oral é fazer ecoar as vozes dos sujeitos socialmente invisíveis, aqueles historicamente negligenciados pelas “elites ditas intelectuais”.

Referências

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

CASELLATO, A. História oral na Itália: trajetórias e desafios. **Revista História Oral**, v. 26, n. 3, p. 155-167, set./dez. 2023. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1346/106106106379>. Acesso em: 10 jun. 2024.

CERTEAU, M de. **A Invenção do cotidiano**: 1. Artes de Fazer. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa Narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. 2. ed. Uberlândia, MG: EDUFU, 2015.

FERREIRA, M de M.; AMADO. J. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

FIALHO, L. M. F *et al.* O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3505>. Acesso em: 10 jun. 2024.

JAPIASSU, H. O sonho transdisciplinar. **Revista Desafios**, Palmas, v. 3, n. 01, 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/2555/pdf>. Acesso em: 19 jun. 2024.

JUCÁ, G. N. M. **A Oralidade dos Velhos na Polifonia Urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

JUCÁ, G. N. M. O Nordeste e a História Oral: a contribuição dos grupos de pesquisa do Ceará. **Revista História Oral**, v. 9, n. 2, p. 123-135, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.uece.br/mahis/dmdocuments/gisanordeste.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

JUCÁ, G. N. M. **Seminário da Prainha**: indícios da memória individual e da memória coletiva. Fortaleza: EdUECE, 2014.

MARQUES, V.; SARTRIANO, C. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 23, n. 51, p. 369-386, jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8231/6742>. Acesso em: 18 jun. 2024.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ⁱ **Regiane Rodrigues Araújo**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2445-6972>.

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Doutora e Mestra em Educação. Especialista em Formação de Professores para o Ensino Superior e Educação Continuada. Graduada em Filosofia e Pedagogia. Integrante da Linha de Pesquisa História e Educação Comparada (LHEC-UFC).

Contribuição de autoria: escrita do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2631492120351847>

E-mail: regiane.faced@gmail.com

ii **Adalucami Menezes Pereira Gonçalves**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4164-9490>

Faculdade Uninta Fortaleza (Fortaleza)

Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre e graduada em Letras e Especialista em Estudos Clássicos pela mesma universidade. Integrante da Linha de Pesquisa História e Educação Comparada (LHEC-UFC).

Contribuição de autoria: organização da entrevista e revisão ortográfica/ABNT.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3473032408463418>.

E-mail: dalumenezes@gmail.com

iii **Gisafran Nazareno Mota Jucá**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6240-2262>

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Pós-Doutor em História Urbana pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a supervisão da Professora Dra. Sandra Jatahy Pesavento. Doutor em História Social. Mestre e graduado em História. Sócio efetivo do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará. Professor-pesquisador na Linha de Pesquisa História e Educação Comparada (LHEC-UFC).

Contribuição de autoria: participação na entrevista e contribuição teórica.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0833133979224938>

E-mail: gisafranjuca@gmail.com

Editora responsável: Genifer Andrade

Especialistas *ad hoc*: Yls Rabelo Câmara e Camila Saraiva de Matos.

Como citar este artigo (ABNT):

ARAÚJO, Regiane Rodrigues; GONÇALVES, Adalucami Menezes Pereira; JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A História Oral e suas representações sociais: entrevista com o professor Gisafran Nazareno Mota Jucá. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 7, e13601, 2025. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/13601>

Recebido em 17 de julho de 2024.

Aceito em 17 de outubro de 2024.

Publicado em 03 de janeiro de 2025.